



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RENATA OLIVEIRA DE ALMEIDA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS EM PIRANHAS E
OLHO D'ÁGUA DO CASADO - AL (1980-2017)**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

RENATA OLIVEIRA DE ALMEIDA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS EM PIRANHAS E
OLHO D'ÁGUA DO CASADO - AL (1980-2017)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Carla Taciane Figueiredo.

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

A447e Almeida, Renata Oliveira de

O ensino de história nos anos iniciais em Piranhas e Olho D'Água do Casado – AL (1980-2017) / Renata Oliveira de Almeida. - 2019.
42 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História - Brasil. 2. História - Alagoas. 3. Piranhas – Alagoas.
4. Olho D'Água do Casado – Alagoas. 5. Ensino e aprendizagem. 6.
Séries iniciais. 7. Educação. I. Título.

CDU: 981(813.5):37



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DO TCC DE RENATA OLIVEIRA DE ALMEIDA,
REALIZADA NO DIA 05 DE SETEMBRO DE 2019**

Aos cinco dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezenove, às 14hs, na sala 17, do Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas, na cidade de Delmiro Gouveia, foi instalada a sessão pública para julgamento do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pelo acadêmico do Curso de História, **Renata Oliveira de Almeida**, matrícula de número 13212417, intitulado: **“O Ensino de História nos anos iniciais em Piranhas e Olho D’Água do Casado – AL (1980-2017).”** Após a abertura da sessão, a Prof^ª. Dr^ª. Carla Taciane Figueiredo (UFAL), orientadora e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores, o Prof. Dr. Eltern Campina Vale (UFAL) e a Prof^ª. Msc. Ana Margarida Pereira (UFAL). Foi dada a palavra a autora, que expôs seu trabalho e, em seguida, ouviu-se a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do aluno e, em seguida, os comentários da banca. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu APROVAR o trabalho com nota 8,0. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem é de direito.

Sala 17 do Campus Sertão\UFAL, Delmiro Gouveia\AL, 05 de setembro de 2019.

Prof^ª. Dr^ª Carla Taciane Figueirêdo (Orientadora)
Universidade Federal de Alagoas

Prof^º. Dr^º. Eltern Campina Vale
Universidade Federal de Alagoas

Prof^ª. Msc. Ana Margarida Pereira
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

O ensino de História é importante no processo de formação de identidades dos sujeitos, no processo de valorização sócio histórica, pertencimento, perspectiva política, social e cultural. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o ensino de História na perspectiva da História local em Olho D'Água do Casado e Piranhas/AL (1980-2017), especificamente investigamos as práticas metodológicas do ensino de História nos anos iniciais nesses municípios e por fim discutimos a relação de História e identidade local. Desse modo, o fio teórico que fundamentou a pesquisa fez uso das leituras e pesquisas de Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008, 2011) e Itamar Freitas (2010), Elza Nadai (2001), Jaime Pynsky e Carla Pinsky (2007) discutindo ensino de História, Antonio Carlos Gil (2008) na perspectiva metodológica, Le Goff (1994) concebendo História, Carmem Gil Zeli de Vargas (2012), Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (2006) e Heloísa Dupas Penteadó (1994). A importância de discutir o processo de formação do sujeito é possível através do ensino de História e na valorização da cidade a qual pertence. A relevância social e científica dessa pesquisa estrutura-se na problematização do ensino de História em duas cidades históricas do sertão de Alagoas e diálogo com os anos iniciais. O teor metodológico da pesquisa tem como método histórico crítico, os instrumento de produção de dados a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. As técnicas e análises desses dados tem referência na análise do conteúdo. Os resultados obtidos possibilitam perceber que a disciplina ainda é tratada, na maioria dos casos, como decorativa e, ao se tratar do ensino de História local é perceptível que nos anos iniciais se restringe as datas comemorativas. A abordagem dos conteúdos em dias ou semanas antes da data da emancipação política de cada município. A análise comparativa entre os dois municípios explicita que em Olho D'Água do Casado existe uma disciplina História Regional, mas não existe um suporte material, formativo, e instrumentos metodológicos dos professores que lecionam a disciplina. Já em Piranhas, o resultado é bastante similar, a disciplina Cultura de Piranhas foi inserida na grade curricular, mas sem formação e com pouco material ou referenciais possíveis de conteúdo

Palavras-Chave: Séries Iniciais; História; Metodologia.

ABSTRACT

The teaching of history is important in the process of formation of subjects' identities, in the process of socio-historical valorization, belonging, political, social and cultural perspective. The general objective of analyzing history teaching from the perspective of local history in Olho D'Água do Casado and Piranhas / AL (1980-2017), specifically investigated the methodological practices of history teaching in the early years in these municipalities and finally We discuss the relationship of history and local identity. Thus, the theoretical basis that supported the research made use of the readings and research of Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008, 2011) and Itamar Freitas (2010), Elza Nadai (2001), Jaime Pynsky and Carla Pinsky (2007) discussing history teaching, Antonio Carlos Gil (2008) from a methodological perspective, Le Goff (1994) conceiving History, Carmen Gil Zeli de Vargas (2012), Janaina Amado and Marieta de Moraes Ferreira (2006) and Heloísa Dupas Penteadó (1994). The importance of discussing the process of subject formation is possible through the teaching of history and the appreciation of the city to which it belongs. The social and scientific relevance of this research is structured in the problematization of the teaching of history in two historical cities of the interior of Alagoas. The methodological content of the research is the critical historical method, having as instrument of data production the participant observation and the semi-structured interviews. The techniques and analyzes of these data have reference in the content analysis. The results allow us to realize that the discipline is still treated, in most cases, as decorative and, when dealing with the teaching of local history it is noticeable that in the early years the commemorative dates are restricted. The approach of contents in days or weeks before the date of political emancipation of each municipality. The comparative analysis between the two municipalities shows that in Olho D'Água do Casado there is a discipline Regional History, but there is no material, formative support and methodological instruments of the teachers who teach the discipline. In Piranhas, the result is very similar, the discipline Piranhas Culture was inserted in the curriculum, but without training and with little material or possible references of content.

Keywords: Initials Series; Story; Methodology.

AGRADECIMENTOS

Ao fim desta trajetória, primeiramente, agradeço a Deus por me conceder a realização deste sonho de criança. Aos meus pais por me proporcionarem e por nunca desistirem da minha EDUCAÇÃO, apesar de todas as dificuldades me ensinaram a valoriza – lá e que esta é o melhor investimento que existe, a vocês minha eterna gratidão. A minha família; irmãos, tias e avós; agradeço por me apoiarem nessa trajetória, obrigada pelo incentivo e apoio de sempre. Um agradecimento especial aos meus padrinhos, Ronildo e Liege, que me incentivaram sempre a estudar.

Aos meus colegas de curso por fazerem parte dessa fase tão importante em minha vida; dentre esses, amigos que levarei sempre em um lugar especial no meu coração: (Marta, Adyssa, Kátia, Samira, Jeane, Felipe, Lino Eduardo, Sebastião e João Lucas).

Um agradecimento mais que especial a duas pessoas muito importantes em minha reta final pelo apoio e disponibilidade em fornecer os notebooks, Maria Andressa e Riquelaine (LANA), sem vocês não seria possível.

Reitero minha gratidão aos professores do curso de História da UFAL Sertão pelo empenho e dedicação com educação, assim como todos componentes do Campus Sertão. As escolas, secretarias municipais de educação e pessoas entrevistadas pela recepção e apoio para que essa pesquisa fosse realizada, grata.

Quero expressar minha máxima gratidão à Prof^a Dr^a Carla Taciane Figueiredo por me conceder a satisfação de tê-la como orientadora, por me acompanhar e auxiliar no trabalho de conclusão de curso, por me apoiar e incentivar a vencer desafios. Durante o tempo de orientação aprendi muito, coisas que levo para a vida; dentre essas o: “não se sinta menor do que ninguém”.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Visita à antiga casa grande -----	18
Figura 2: Alunos do 5ºano C em sala de aula-----	18
Figura 3: Visita à antiga estação ferroviária -----	19
Figura 4: Alunos do 3ºano C em sala, 2019-----	19
Figura 5: Apostila sobre a História Regional, capa e sumário-----	20

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	09
2. CONHECENDO A REALIDADE DE ESTUDO -----	12
2.1. PROCEDIMENTOS HEURÍSTICOS DA PESQUISA-----	14
2.2. PRÍNCÍPIO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE -----	16
2.3. PRODUZINDO OS DADOS ATRAVÉS DA ORALIDADE-----	21
3. REFERENCIAL TEÓRICO-----	23
4. O QUE DIZEM OS PCN's DE HISTÓRIA -----	31
5. COMPREENDENDO OS RELATOS ORAIS E PERCEPÇÕES DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE-----	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	40
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	42

1. INTRODUÇÃO

O ensino de História enquanto campo de conhecimento, nas últimas décadas foi muito discutido. Nesse sentido, é essencial a ênfase em todas as áreas, e nos diálogos possíveis entre áreas afins ou mesmo pelo viés inter/transdisciplinar. Ao realizarmos uma análise, a disciplina de História, durante o século XIX tem avançado consideravelmente; no entanto a forma como a disciplina é pensada nos remete ao início da normatização da História como ciência, ou até, a períodos anteriores ao fim do século XIX.

Nesse sentido, a Escola dos Annales, idealizada e efetivada por Marc Bloch e Lucien Febvre, contribuiu de forma significativa com o *status* científico da História, inovando em métodos, fontes e objetos de pesquisa, aprofundando outras versões da História e nos sujeitos esquecidos.

Questionamentos “O que ensinar?”, “Como ensinar?” E “para que serve a História?” são recorrentes nesse novo tempo da ciência histórica, disciplina de cunho cronológico de acontecimentos, de ordem temporal e linear, acontecimentos como: grandes guerras (vitoriosas), grandes nomes (reis) e relatos relacionados à fé, religião, são questionáveis. Em síntese, uma História que ressaltava o poder político e religioso e assim repleta de privilégios e exclusões, em todos os sentidos, uma História para ser lembrada e transmitida pela eternidade de geração em geração. O papel da disciplina ou “deveria ser” decorar fatos e enfatizar os grandes homens, papel esse ainda bastante difundido no meio escolar atualmente. Bittencourt (2008) afirma, é certo que as narrativas criam identidades, e essas lembradas durante a eternidade.

Com o passar do tempo e problematização do ensino de História, felizmente, essa concepção foi, não por completo, desmistificada, ou melhor, ampliada, de uma História Factual para uma História Problema. Uma vez que o ensino de História possibilita aos sujeitos uma percepção de tempo e de espaço, ao mesmo tempo é capaz de refletir sobre os fatos ocorridos, assim possuir uma visão “crítica”. É o ensino do questionamento, uma vez que o passado é presente e está sempre surgindo um fato novo que traz novas interpretações do que já foi aprendido há anos. A História é fascinante por proporcionar um (re) conhecimento sobre algo já conhecido, conceber novas vertentes e retroalimentar os saberes, e o conhecimento escolar, científico.

Nesse âmbito, adentramos a discussão entre os campos de conhecimentos da Pedagogia versus História. Os questionamentos mencionados anteriormente trazem à tona a

indefinição se é uma relação contraditória ou, mesmo, complementar entre esses campos de conhecimento quando se aborda o ensino de História nas séries iniciais. Refletindo os grandes embates existentes entre a Pedagogia e a História, a discussão ganha significância, uma vez que principalmente nessa faixa etária é dada a importância para a alfabetização em Língua Portuguesa e Matemática. Invisibilizando as disciplinas de História, Geografia e demais saberes, deixando a cargo dos anos futuros de ensino o processo de ensino aprendizagem desses conteúdos. Diante disso, é comum a visão que os alunos têm sobre a disciplina de História: “passado é passado, já passou”; tão claro que todo professor já ouviu isso ao menos uma vez em sala de aula.

Toda e qualquer disciplina, para existir e permanecer em uma grade curricular necessita ter objetivos claros, caso contrário é considerada “desnecessária”; o já ocorrido com algumas disciplinas antes existentes na grade curricular brasileira, por exemplo, o Latim que foi uma disciplina presente nos currículos escolares e que hoje inexistente. O contexto político educacional também influencia na permanência ou exclusão de algumas disciplinas no ensino básico, até agora, a permanência resistente da História na grade curricular constitui uma resiliência. Assim, torna-se imprescindível discutir o ensino de História nos anos iniciais, se atentando como? O que? E para que ensinar História para alunos dos anos iniciais?

Estas indagações são inerentes ao campo de desenvolvimento e aprendizagem. Segundo Bittencourt, (2011), o “Ensino de História: Fundamentos e métodos”, seguindo a linha teórica de Piaget sobre as fases cognitivas, o autor conclui que, nessa fase da vida, crianças de até onze anos de idade, é impossível que o sujeito abstraia o conhecimento histórico. Sendo assim, o ensino de História seria dispensável devido à falta de compreensão do tempo histórico. Opondo-se à teoria Piagetiana, o sociointeracionista Vygotsky, afirma que é nessa fase da vida, como nas demais, que o ensino de História é de fundamental importância na formação individual e coletiva de qualquer sujeito. O autor considera possível a formação e apreensão do conhecimento histórico, sendo importante o subsídio ao sujeito na reflexão e análise das relações no tempo e no espaço. Nesse âmbito, o ensino de História é de fundamental importância no processo de formação de identidades dos sujeitos envolvidos em uma perspectiva política, social e cultural. O desafio dessa nova História são as inquietações sobre como ensinar e o que ensinar aos pequenos sujeitos? Inquietações que se tornaram objeto de pesquisa.

Simple! O ensino de História nessa fase da educação é atemporal e espacial, a percepção das mudanças e permanências nos hábitos, costumes, tipos de moradias, etc.; situar

o sujeito na História, possibilitar a percepção deste como pertencente à História e que esta é viva e contínua, está sempre em movimento. Logo é possível e indispensável, tão certo e notório este ensino nos anos iniciais. Ressaltando a abordagem de conteúdos proporcionais ao nível de escolaridade, como “as guerras mundiais, ditadura militar”, entre outros; os conteúdos são apropriados a cada nível de conhecimento.

2. CONHECENDO A REALIDADE DE ESTUDO

A ênfase desta pesquisa é analisar o ensino de História na perspectiva de História local em Olho D'Água do Casado e Piranhas (1980-2017). No ano de 1980, a História foi reconhecida como ciência e, diante disso surgiu a preocupação com seus métodos, objetivos e conteúdos; já o ano de 2017 toma um caráter brevemente para esta pesquisa, já que foi o ano de análise das disciplinas que trabalham a história das suas cidades. Os municípios mencionados estão localizados no alto sertão alagoano, Piranhas é considerada um patrimônio histórico nacional pelo IPHAN, Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional. A configuração dos casarios e igrejas, como a de Nossa Senhora da Saúde e a de Santo Antônio construídas no século XVIII; estação ferroviária, que ligava Piranhas a Jatobá, somado ao fato histórico da visita de Dom Pedro II em 1859, torna-se historicamente conhecida. Outro fato histórico considerável foi o movimento do Cangaço, a representativa morte de Lampião, líder do bando; Maria Bonita, sua esposa, e seu bando em 1938, tendo-lhes sido suas cabeças decapitadas e expostas na praça. Por fim, os benefícios geomorfológicos e naturais explícitos na presença do Rio São Francisco em suas terras, meio de vida, fonte de renda e “História viva”.

Todos os fatores mencionados acima tomam as cidades onde circunscrevem a realidade de estudo, palco de História, ou seja, possibilidade da utilização da História viva no ensino cotidiano, uma vez que esses monumentos, arquitetura são fontes de renda de diversas famílias, no âmbito turístico e existencial, a exemplo do Rio São Francisco.

Já o município de Olho D'Água do Casado/ AL, seus pontos históricos podem ser considerados implícitos em comparação com Piranhas, entretanto rica em História e cultura. Suas terras são cobertas de olhos d'água, motivação do nome da cidade, marcada pela presença da estação ferroviária, sítios arqueológicos, casa grande, e o Rio São Francisco, fonte de renda através da pesca e turismo, pequena cidade fundada pelo antigo e primeiro proprietário dono das terras Francisco Casado de Melo, que juntamente construiu a linha férrea.

Diante dessa breve descrição dos municípios abordados, é perceptível a importância histórica de ambos. Refletindo o ensino de História nessas cidades, na perspectiva da História Local, Olho D'Água do Casado consta em sua matriz curricular, desenvolvida na rede municipal de ensino, a disciplina História Regional, anteriormente História da Cultura Afro (2016), mudança ocorrida justamente pela troca de gestão de prefeitos.

Por outro lado, a cidade de Piranhas que respira a História, retratada em sua arquitetura, meio social e ambiental, não possuía, em seu quadro curricular, uma disciplina enfatizando a História Local. Falta de interesse? Interesses políticos? Coronelismo ainda presente? Não é relevante ao ensino? As explicações para tais questionamentos não são claras e não é o foco adentrar nelas. São questionamentos retóricos, e auto reflexivos.

Considerando o valor cultural que Piranhas apresenta não só para os moradores, mas em âmbito nacional, uma vez que é tombada pelo IPHAN, como patrimônio histórico cultural, torna - se importante à valorização até mesmo trabalhar Educação Patrimonial, tendo em vista que se mantém características arquitetônicas desde o século XVIII. Os relatos orais mencionavam que a cidade era conhecida como Tapera, mas ao longo do tempo, um caboclo pescou um grande peixe, uma piranha, e devido à grande abundância desse peixe, ficou conhecido como riacho das piranhas, caracterizando o nome do povoado; nome de origem indígena devido aos índios que viviam às margens do rio São Francisco, “Pira-Aî” que significa peixe-tesoura, por devorar um homem por completo e lhe restando somente o esqueleto.

Outros elementos tornam ainda mais fascinante a História desse município, o rio São Francisco que abastece a região de forma subsidiária para quem vive da pesca e do turismo; a visita de Dom Pedro II, hospedado onde hoje é a sede da prefeitura; a estação ferroviária que ligava e transportava pessoas e produtos, desbravando os sertões, e fez com que a pequenina cidade se desenvolvesse cada vez mais, e por fim, a presença marcante do Lampião, rei do Cangaço. Virgulino Ferreira da Silva, Maria Bonita e seu bando foram mortos em uma emboscada pela polícia regional, esse marco histórico atrai constantemente turistas à região, movimentando a renda da população. Diante disso, a carência desse ensino em sala de aula tornou cidadãos desinformados sobre sua própria História, os turistas conheciam mais da História da cidade que os próprios habitantes, lamentável.

Estas inquietações e a falta da apreensão deste conhecimento na minha época de estudante, no processo de formação de identidade individual e coletiva como morador do município, foram “pontapé inicial” para o desenvolvimento desta pesquisa. É válido ressaltar que a valorização do conhecimento local se instituiu em Piranhas em 2016, a Secretaria Municipal de Educação do município, visando a importância de ensinar nossa História aos pequenos filhos da terra, inseriu no ano de 2016 a disciplina Cultura de Piranhas. A disciplina como o próprio nome sugere, aborda nossa cultura e a importância de ter uma identidade

própria; assim assemelhando-se à justificativa abordada pelo município de Olho D'Água do Casado.

2.1. PROCEDIMENTOS HEURÍSTICOS DA PESQUISA

A fim de evitar erros no processo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e análise dos mesmos foram seguidos rigorosamente passo a passo, são eles: coleta documental, análise dos documentos oficiais das escolas e o documento proposto para a que as disciplinas fossem inseridas na grade curricular de ambos os municípios; Observação, no ambiente escolar e sala de aula; entrevistas, realizados em ambas as secretarias municipais de educação, seus representantes, professores do ensino fundamental I, e história de vida, tendo em vista minha autobiografia.

Em relação ao método da observação, a observação participante foi o mais adequado aos dois municípios abordados, uma vez que resido em Piranhas e atuo como professora do ensino fundamental I em Olho D'Água do Casado, ambos fazem da parte da minha formação pessoal.

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 2008, p. 103).

Nesta perspectiva, a observação ativa foi imprescindível na realização da pesquisa, tendo em vista que propiciou a minha autorreflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento da História Local, e contribuiu com minha formação acadêmico científica de Historiadora. A observação e análise dos documentos constituíram assim uma análise crítica do ensino de História, e a confirmação da importância em compreender a História em sua dimensão local e conectar com a global.

Além de observação participante a pesquisa quanto a sua abordagem se classifica como participante, de acordo com Fals Borda (1983) é a pesquisa:

Que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios - as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - levando e conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia quem procura incentivar o desenvolvimento

autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior (BORDA, 1983 apud GIL, 2008, p. 31).

Diante disso, a pesquisa participante procura envolver a todos os “níveis sociais” que compõem a História dos municípios. A História se constitui a cada dia e as nossas raízes nos sustentam e revelam nossas origens, um passado não só é feito de glórias; estudar de onde e como vimos é essencial à formação de quem somos. Logo optar pela pesquisa participante propiciou uma autonomia enquanto historiadora de analisar um fragmento do sistema educacional de Piranhas e Olho D’Água do Casado, possibilitando uma crítica histórica aos conteúdos e diretrizes do ensino de História, e refletir que, assim, construímos outra narrativa histórica.

A pesquisa-ação também constitui recurso na elucidação das problemáticas observadas em sala de aula através de novas implementações metodológica, que por sua vez, intervenções delineadas e participativas do pesquisador, tenham objetivo de examinar as causas/efeitos das intervenções, sendo assim, Moreira e Caleffe (2008, p.92), afirmam que a pesquisa-ação na escola e na sala de aula é um meio:

a) de sanar problemas diagnosticados em situações específicas, ou melhorar alguma maneira um conjunto de circunstâncias. b) de treinamento em serviço, portanto, proporcionando ao professor habilidades, métodos para aprimorar sua capacidade analítica e fortalecimento da autoconsciência; c) de introduzir abordagens adicionais e inovadoras no processo ensino-aprendizagem e aprender continuamente em um sistema que normalmente inibe a mudança e a inovação; [...] e) de proporcionar uma alternativa à solução de problemas na sala de aula.

Sendo assim, está pesquisa teve por finalidade, proporcionar uma obtenção significativas de resultados. A qual modelos de pesquisa vêm sendo propostos, como a "pesquisa-ação" e a "pesquisa participante". A pesquisa-ação, segundo a definição de Thiollent (1985, p. 14):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.

Nestas perspectivas, o uso de hipóteses é fundamental para o direcionamento da pesquisa, pois a pesquisa-ação proporciona ao professor de história formular conceitos que possam ser úteis como novos recursos educacionais, enquanto sujeito participante da pesquisa foi inevitável a relação com o objeto.

2.2. PRÍNCÍPIO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Os municípios abordados, Piranhas e Olho Água do Casado, acolhem um público bastante diversificados em suas escolas. A Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins e a Escola Municipal Antônia Cordeiro possuem, em maior parte, alunos de bairros periféricos da cidade e principalmente da zona rural. Esses alunos da zona rural têm pouco acesso a área urbana da cidade, a feira no fim de semana e a escola são, na maioria dos casos, os únicos meios aos espaços urbanos.

A observação participante se constituiu gradualmente, inicialmente, participei de forma ativa no desenvolver da pesquisa, tendo em vista que sou professora do 5º ano C do ensino fundamental na Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins (2018)¹ e na Escola Municipal Antônia Cordeiro (2019)² com o 3º ano B, no município de Olho D'Água do Casado. Ao desenrolar das aulas foi possível constatar na prática didático pedagógica, e através de relatos formais e informais de alguns professores, o quão difícil é trabalhar a disciplina História e, ao mesmo tempo o quanto é prazeroso. De fato, as duas escolas em que trabalhei não continham as apostilas contando a história do município.

Quando investigadas através do instrumento entrevista semiestruturada, e questionadas sobre o suporte conteúdo para possibilitar o Ensino da Disciplina História Regional, em resposta, as coordenadoras de ambas as escolas, Maria Andressa da Silva (EMEB Amélia Martins)³ e Maria Francisca Cruz de Oliveira (EM Antônia Cordeiro), relataram que as escolas não possuem as apostilas. De fato, é verídico que as escolas realmente receberam a apostila, mas em gestões anteriores às das coordenadoras mencionadas.

Os métodos e técnicas utilizados por mim e por outros colegas são baseados em pesquisas, em estudos e passeios a lugares históricos e significativos à História, como é apenas uma aula por semana, é possível trabalhar de forma bastante resumida, no entanto, é

¹ Função exercida sob contrato vigente para o ano letivo.

² Função exercida sob contrato vigente para o ano letivo.

³ Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins (EMEB Amélia Martins).

trabalhado também a interdisciplinaridade, já que o horário escolar traz a disciplina de História juntamente com a disciplina de História Regional.

Outra técnica utilizada pelos professores responsáveis pelas disciplinas é a História Oral, pesquisas baseadas em entrevistas aos moradores. É um método bastante eficaz e interativo para conhecer mais a própria História. O que mais me chamou a atenção é que, de fato, os alunos possuem um conhecimento prévio bastante defasado de informações sobre a História local do município, ressaltando, ainda mais, a importância de uma disciplina que trabalhe o próprio contexto em que se vive.

Na Escola Municipal Antônia Cordeiro, foi possível ver um exemplar da apostila sobre a cultura regional do município Olho D'Água do Casado. No momento a coordenadora Francisca estava analisando e fazendo o planejamento anual; a apostila, por sua vez, foi emprestada de outra escola já que a mesma não consta na escola.

No município de Olho D'Água do Casado, assim quanto no de Piranhas, as disciplinas que abordam conteúdos sobre a própria História são efetivadas, na aula em sala, através de viagens de visitas em museus, História oral e lugares históricos, conforme (figura 1).



Figura 1 - Visita à antiga casa grande (O Chalé)
Fonte: Arquivo pessoal

Imagem da turma do 5º ano C da Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins, 2018, em visita a casa grande, antiga casa de uma das famílias mais antigas da cidade, ocupada pelo Movimento Sem Terra (MST).



Figura 2 - Alunos do 5ºano C em sala de aula
Fonte: Arquivo pessoal

Na imagem acima (figura 2), os alunos do 5º ano C da Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins, 2018, em sala de aula.



Figura 3 - Visita à antiga estação ferroviária
Fonte: Arquivo pessoal

Nessa imagem (figura 3), alunos do 5º ano C da Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins, quando ministrava aula no ano (2018), do município de Olho D'Água do Casado, estão em visita à antiga estação ferroviária, importante meio de transporte para os vendedores de castanha de caju, mandioca, doces, feijão e outros alimentos em Delmiro Gouveia, Paulo Afonso e Jatobá, na década de 1960.

Já no atual ano, 2019, a escola analisada foi a Escola Municipal de Educação Antônia Cordeiro, turma do 3º ano B, conforme (figura 4).



Figura 4 - Alunos do 3ºano C em sala, 2019
Fonte: Arquivo pessoal

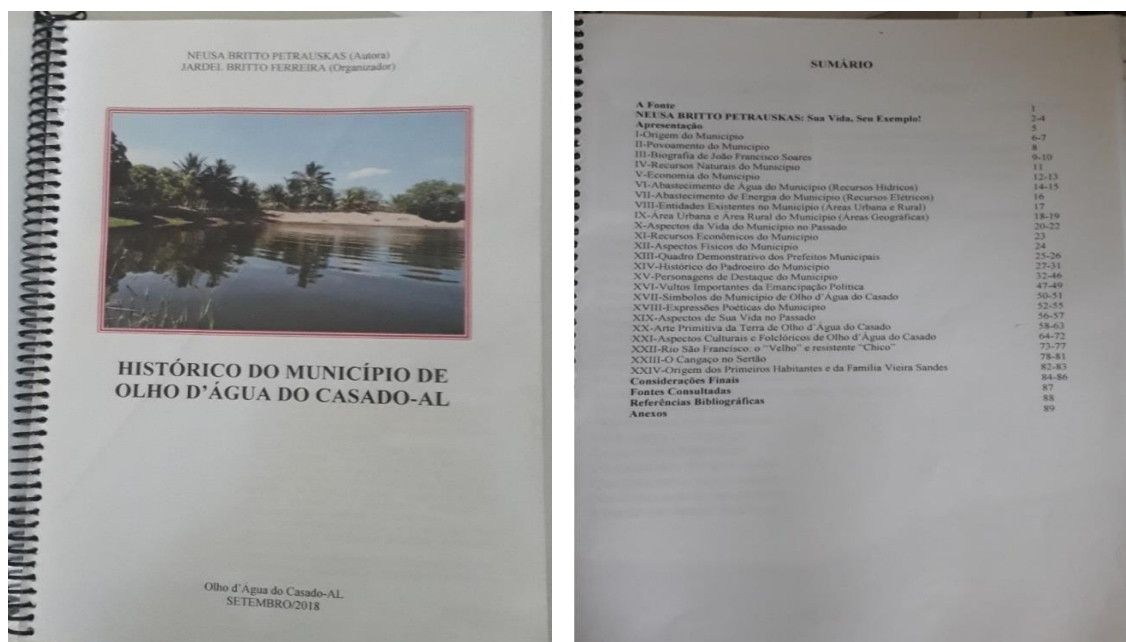


Figura 5 - Apostila sobre História Regional, capa e sumário
Fonte: Arquivo pessoal

As imagens acima retratam a apostila (figura 5) que trata dessa disciplina de História Regional, especificando cada tema a ser abordado. É notório que os conteúdos citados na apostila não abrangem a proposta apresentada pelo coordenador pedagógico da SEMED do município, Jardel Brito Ferreira, salientando que o mesmo afirma que a apostila ainda não está concluída e não tem uma data específica para sua conclusão. No entanto, em uma visita informal à SEMED, foi possível perceber que o andamento para sua conclusão está parado há muito tempo, por “projetos mais urgentes”. Nessa perspectiva é possível perceber que a implementação da disciplina está sendo realizada sem um planejamento prévio e inexistente uma formação adequada aos professores que ministram a mesma. Um exemplo claro: é perceptível que professores com a formação em magistério assumem turmas de anos iniciais. E graduandos em História no ensino fundamental.

A institucionalização de uma disciplina que reflita a realidade local é um avanço para o campo da micro História e, principalmente, para o desenvolvimento do processo de pertencimento e consciência histórica dos indivíduos; entretanto, esse processo só se efetiva com a conclusão do processo de ensino-aprendizagem. Ao analisar a apostila foi possível perceber a distribuição dos conteúdos; inicialmente é abordado a constituição da região como um município e todo processo de emancipação política; as fontes de renda da população casadenses, as manifestações culturais do seu povo, festividades anuais, personalidades

casadenses, relevo da região, tipo de clima, e obras de alguns escritores locais complementam os conteúdos à serem trabalhados durante todo ano letivo.

2.3. PRODUZINDO OS DADOS ATRAVÉS DA ORALIDADE

Diante disso, salienta-se sempre a importância da fonte oral, sendo a principal fonte utilizada neste trabalho. O subsídio teórico se fez através de leituras como o: “Uso e Abuso da História Oral” das autoras Marieta de Moraes Ferreira (2006) e Janaína Amado (2006) que juntamente com Bittencourt (2008) e Freitas (2010), formaram a base do trabalho. Essa leitura proporcionou compreender que a:

História oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos "dominados", aos silenciosos e aos excluídos da História (mulheres, proletários, marginais etc.), à História do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da História da vida cotidiana), à História local e enraizada (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 04).

Assim, a História oral dá voz aos silenciados, trazendo à tona novas abordagens, pois a História apresenta diversas versões, várias histórias. Para a análise dos dados, utilizamos a correlação dos dados obtidos com a fundamentação teórica e diálogo com os autores utilizados como fio condutor teórico, que será apresentado a seguir.

Compreendendo essa definição da História oral, buscou se ouvir as vozes das pessoas mais afetadas, significativamente, com a inclusão das disciplinas que trabalham a história local dos municípios. Relato de um aluno do 3º Ano B e da mãe de um aluno da Escola Municipal Antônia Cordeiro, do município de Olho D'Água do Casado sobre a disciplina História Regional:

Eu gosto da disciplina de História Regional, a pessoa fica sabendo de várias coisas da nossa cidade que não sabia antes. Gosto muito de ouvir as histórias passadas dos mais velhos, de como a cidade era antes, queria que ainda estivesse o trem aqui; mas gosto mais quando a professora leva a gente pra visitar alguns lugares da cidade e da aula lá, é como se a gente voltasse no tempo (Cícero dos Santos, 09 anos, 10 set. 2019).

Essa disciplina ensina até a nós que somos pais, por que os trabalhos, pesquisas que as professora passam e, ajudamos nossos filhos, estuda coisas que as vezes também não sabemos e junto com eles aprendemos. É tanta coisinha nova que nunca nos ensinaram no tempo em que eu estudava, meu filho gosta muito do dia de quarta, que é o dia dessa matéria, e principalmente quando a professora leva pra fazer passeio na cidade, como foi pra Fonte da matinha e a antiga estação (Maria Aparecida da Conceição, 19 set. 2019).

Diante disto, é ressaltada a importância de trabalhar a História Local. Este ensino está abrangendo de forma significativa todo o corpo escolar, professores, alunos e pais de alunos. No outro município, Piranhas, não é diferente; assim como relata uma aluna do 3º Ano B e de sua mãe, da Escola Municipal de Educação Básica Professor Ivan Fernandes Lima sobre a disciplina de Cultura de Piranhas:

Bom, eu adoro quando é essa matéria, a tia fala sobre nosso passado, como as pessoas viviam, fala sobre Lampião e Maria Bonita, o trem, o rio e muitas coisas. A parte que eu mais gosto é quando a tia leva nós para fazer passeio, no museu, na linha do trem, em Piranhas velha; tem tanta coisa lá, eu fiquei sabendo de coisas que nem mainha nem painho sabiam (Rebeca Oliveira de Almeida, 09 anos, 13 set. 2019).

Minha filha adora quando é essa matéria, por ela fiquei sabendo de histórias da nossa cidade que não sabia antes, aprendo com ela também. No tempo que eu estudava não tinha essa matéria; ela chega contando muitas coisas quando chega da escola e aparte que mais gosta é quando a professora leva ela pra visitar uns lugares na cidade, que em muito deles nunca fui (Maria do Carmo Lima de Oliveira, 13 set. 2019).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a introdução da História como ciência, que aprender História basicamente se resumia em decorar datas e nomes importantes para a História, se faz necessário refletir sobre o papel da História. Contudo, ao passar dos anos, essa teoria foi um tanto desmistificada, a História passou a ser considerada uma ciência que estuda o passado, a fim de compreender as relações do presente.

Embora ainda seja considerada, também, uma disciplina “enfadonha e cansativa” para os alunos, principalmente do ensino básico, os alunos dos anos iniciais, o ensino de História torna-se fascinante tanto para o professor quanto para o aluno, já que são crianças e fazem muito o uso da imaginação. O ensino nos anos iniciais possibilita às crianças se envolverem de tal forma que é como se pudessem viajar no tempo e vivenciar todos aqueles acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo, fazer um paralelo do antes e do depois, ou seja, das mudanças e permanências ocorridas ao longo do tempo. O que é afirmado pelas autoras Gil e Almeida (2012), ao discutir que “assim, cabe pensar a importância da História para manter a curiosidade infantil e o significado do conhecimento como experiência criadora do ser que se faz humano” (GIL; ALMEIDA, 2012, p. 25).

Bittencourt (2008) ressalta que a escolha de conteúdos apresenta se como tarefa complexa, permeada de contradições. O pedagogo não precisa, necessariamente, ser formado em História para ensinar História nos níveis iniciais do ensino fundamental. Associado a isso, as diretrizes do Ministério da Educação (MEC) disponibilizam para cada rede municipal, cada escola, PCN's de História e Geografia a fim de auxiliar os professores a lecionarem tais disciplinas além dos livros didáticos. Esses suportes didáticos, complementado por processos de formação possibilitam um subsídio elementar ao professor. Entretanto, a formação continuada propicia capacitação, o sujeito é inicialmente preparado para os conteúdos subjacentes, numa “introdução”. A formação do pedagogo o habilita para desenvolver de forma apropriada a sua função; tendo em vista que a organização curricular de qualquer curso de Pedagogia inclui todos os saberes e metodologias de ensino de História, Matemática, Ciências, Geografia, etc.

Em outro momento, Bittencourt (2011) ressalta que “no caso do ensino do tempo cronológico para alunos das séries iniciais, é interessante vinculá-lo à noção de geração” (BITTENCOURT, 2011, p. 212), ou seja, ao ensinar a esses alunos, o professor trabalhará o ensino de História na noção de tempo, como algo familiar, um passado mais remoto. O ensino

de História é trabalhado a partir do reconhecimento familiar, do autoconhecimento para depois vir a abordar os demais conteúdos; a autora ainda usa como exemplo: pais e avós. A partir de então, os alunos entenderam as mudanças ocorridas durante esse tempo em forma sucessiva, cronológica e progressiva; assim, nas séries subsequentes, aprofundaram as noções de tempo.

A História local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência - escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da História do presente (BITTENCOURT, 2011, p. 168).

É preciso lembrar que a disciplina de História no Brasil surgiu com objetivo de cunho político, glorificando o patriotismo. Complementando essa discussão sobre o ensino de História, Freitas (2010) afirma que para formar o crítico, alfabetizar, humanizar, socializar, pôr a criança em contato com o patrimônio cultural da espécie humana e, agora, difundir a alteridade e a identidade (étnica, regional, de classe e de gênero).

A questão de constituição de identidades, do nacionalismo, o patriotismo no Brasil não se deu de um dia para o outro. Relembramos as revoltas no período regencial (Cabanagem, Sabinada e Farroupilha), as quais tinham interesses locais e não nacionais; a revolta Farroupilha foi mais além e teve um caráter separatista buscava a separação do Rio Grande do Sul do Império.

Após esse longo processo, somente com a vitória na guerra contra o Paraguai (1864-1870) que se iniciaram os primeiros sinais do sentimento de nacionalidade, com a constituição dos símbolos nacionais. Dessa forma:

A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular. A contribuição da História tem-se dado na formação da cidadania associada mais explicitamente à do cidadão político. Nesse sentido é que se encontra, em inúmeras propostas curriculares, a afirmação de que História deve contribuir para a formação do “cidadão crítico”, termo vago, mas indicativo da importância política da disciplina (BITTENCOURT, 2008, p. 121).

Debruçando sobre os pensamentos de Bittencourt (2008) e Freitas (2010), é possível evidenciar ainda mais a importância do ensino de História e suas contribuições para os sujeitos em duas dimensões, a consciência histórica e o pensamento crítico.

Afinal para estudar a História Local todos têm que ter noção do que é História e de que se trata a disciplina de História, o fundamento teórico sobre o Ensino de História, “Metodologia do ensino de História e geografia” de Heloísa Dupas Penteadó (1994), na qual “a História procura estudar o homem através dos tempos, nos diferentes lugares em que tem vivido”, investiga permanências e mudanças ou transformações de seu modo de vida, no empenho de compreendê-las. Ou seja, o ensino de História, de uma História Local em particular, deve ter o cuidado na escolha dos conteúdos a serem abordados, a mesma pode proporcionar vez aos que não têm ou, silenciá-los de vez.

Os paradigmas historiográficos também norteiam o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o conhecimento escolar e a produção do conhecimento histórico são interdependentes quando remetemos à historiografia. Nesse sentido, Bittencourt (2011) discute brevemente os paradigmas historiográficos e sua inferência na História Escolar e afirma:

A reconstituição do passado da nação por intermédio de grandes personagens serviu como fundamento para a História escolar, privilegiando-se estudos das ações políticas, militares e das guerras, e a forma natural de apresentar a história da nação por intermédio de uma narrativa. (BITTENCOURT, 2011, p. 141).

Os fatos dessa produção historiográfica, remetem às singularidades e particularidades do ensino da história, que era visto como contos do ensino da história. Onde predominam os fatos dos grandes homens, e um nacionalismo exacerbado. De acordo com Bittencourt (2008), o início do ensino de História é marcado pela “História, inicialmente ensinada por métodos exclusivos de memorização. Aos poucos passou a incorporar os métodos ativos, inspirados em pressupostos da psicologia cognitiva” (BITTENCOURT, 2008, p. 84).

Apesar de o Brasil ser um país mestiço, constituído por diversas raças, essa parcela da sua história é um pouco escondida, dando espaço apenas aos “brancos “detentores do capital”, tendo como principal objetivo narrar a história dos mesmos. Desconectada da realidade do Brasil, segundo Bittencourt (2008), “o povo brasileiro, constituído de mestiços, negros e indígenas, continuava alijado da memória histórica escolar e da galeria dos heróis fundadores e organizadores do Estado-nação” (BITTENCOURT, 2008, p. 81).

A predominância da História como Narrativa no ensino, como afirma Bittencourt (2011), “decorre de determinada concepção histórica e não pode se limitar a despertar interesse pelo passado nos alunos” (BITTENCOURT, 2011, p. 44). Entretanto, gradativamente o ensino de História no Brasil vem passando por transformações significativas, dentre elas, a autora destaca:

Os movimentos sociais, tais como os feministas, os ambientalistas, os étnicos e os religiosos, seus confrontos e lutas com as discriminações e preconceitos, além da continuidade das lutas por direitos trabalhistas, situaram a história social no centro das problemáticas das pesquisas históricas (BITTENCOURT, 2011, p. 148).

Nesse sentido, a problemática da produção do conhecimento histórico transforma-se e, conseqüentemente, o conhecimento escolar também. Introduz no currículo escolar no Brasil outras temáticas e possibilidade de desenvolver o ensino que habilitasse nos alunos não apenas uma abordagem e consentimento de caráter maniqueísta na história factual dos documentos, mas outros sujeitos possibilitados pela História Social. Bittencourt (2011) complementa: “a história entendida ao mesmo tempo como “ciência do passado” e “ciência do presente” gera cuidados para o pesquisador e para o professor” (BITTENCOURT, 2011, p. 154).

A partir da inserção da História Local, podemos compreender uma ruptura epistemológica. Bittencourt (2011) informa: “a história regional proporciona, na dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre as situações históricas diversas que constituem a nação” (BITTENCOURT, 2011, p. 161). Ampliando a concepção no ensino da história regional, num diálogo fecundo e exequível. Bittencourt (2011) complementa:

A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das propostas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado (BITTENCOURT, 2011, p. 168).

A autora realiza uma reflexão do “eu” com o meio em que vivo, e como o cotidiano e a abordagem da História Local reflete no aluno o conhecimento do que se compreende por história local. Outra questão abordada por Circe Bittencourt (2011) refere-se aos conteúdos e seleção dos mesmos. A autora informa:

A seleção de conteúdos escolares é um problema relevante que merece intensa reflexão, pois constitui a base do domínio do saber disciplinar dos professores. A escolha de conteúdos apresenta-se como tarefa complexa, permeada de contradições tanto por parte dos elaboradores das propostas curriculares quanto pela atuação dos professores, desejosos de mudanças e ao mesmo tempo resistente a esse processo (BITTENCOURT, 2011, p. 138).

Escolher determinado conteúdo para ser ensinado, exige tanto dos professores, como dos coordenadores pedagógicos, e principalmente perceber e caracterizar o perfil da turma, com cuidado e atenção. É preciso existir um consenso ao elaborar essas propostas curriculares, contemplar a participação de todos os membros de tal instituição é indispensável. As premissas para o ensino de História transitam entre o processo de pertencimento e significância e significado dos conteúdos:

É certo que as narrativas criam identidades, porque os personagens são apreendidos de forma mais “humana”, com sofrimentos, alegrias e dúvidas tais como ocorrem com todos os seres humanos. As experiências passadas podem ser compartilhadas com quem vive no presente, despertam maior empatia com os fatos e criam afinidades (BITTENCOURT, 2008, p. 143).

O ensino da história deve causar nos alunos, “certo” interesse e respeito, para que então, ela passe a ser valorizada e compreendida. Unir os conceitos antigos aos de hoje pode dar à história um novo significado. Isso deve partir do docente, estimular a curiosidade nos alunos, tornar o conceito da história algo mais produtivo. A construção de identidades citada no texto por Bittencourt, resume a esse tipo de relação. Os pesquisadores da área de ensino de História afirmam a importância da História. Bittencourt (2008) informa:

Para alguns pesquisadores da área do ensino de história, torna-se fundamental o domínio conceitual da história do tempo presente, a fim de que o ensino da disciplina possa cumprir suas finalidades” libertar o aluno do tempo presente” algo paradoxal à primeira vista. (BITTENCOURT, 2008, p. 51).

O aluno não tem de ver a história somente como algo antigo, sem sentido ou que foi apenas mitos, e algo desprovido de interesse. Mas entender que é a história que estuda o passado dos homens para o presente, e então criar outros conceitos para o futuro. Se a história não for entendida como algo coerente, isso não despertará nos alunos nenhum interesse. Entretanto, o docente precisa estabelecer uma relação entre passado, presente e futuro, na história para melhor ela ser compreendida e com grande significado. Nesse sentido, a História Local constitui o instrumento de produção de dados na investigação desse objeto de estudo dessa pesquisa surge como protagonista por contemplar significados para os anos iniciais e exercício do ofício de ser Historiadora, entretanto é necessário cuidados, como nos atenta

Bittencourt (2008): “um cuidado que se deve ter com o estudo da história local é a definição do conceito de espaço” (BITTENCOURT, 2008, p. 171).

É normal mencionar a importância da História Local. Mas é preciso que o aluno entenda que cada lugar tem suas características, e a configuração do espaço é imprescindível para efetivar o conhecimento histórico. Normalmente quem explica isso aos alunos são os professores de Geografia, mas isso não significa que a História não possa se encarregar disso. Sendo fundamental o diálogo o interdisciplinar. É preciso compreender que não se trata apenas de entender a História Local como, a sua história ou a história do presente, ou até mesmo do passado, mas de entender o sentido de lugar, as transformações que ocorrem, e associar as relações internas a outros lugares (externas). O ponto crucial que determina a forma como a História é ensinada e para que sirva são os métodos utilizados pelos docentes; debruçando-se sobre o teor dos métodos, Bittencourt (2008) afirma:

Os métodos de ensino estão, pois, associados a um processo mais complexo, que envolve cuidado nos critérios na seleção dos conteúdos, e encontram-se intimamente ligados à avaliação. Uma concepção de métodos de ensino é articulada à relação entre conhecimento prévio, conhecimento científico e conhecimento escolar conduzem à reformulação dos métodos de avaliação, retoma a reflexão sobre o significado do “erro” e assume maior significação, ao englobar uma visão crítica (e não punitiva) tanto do trabalho do aluno quanto do próprio trabalho docente (BITTENCOURT, 2008, p. 42).

Os docentes predefinem métodos iniciais de ensino, mas sujeitos a mudanças diante o dia a dia do trabalho. Essas mudanças são advindas do conhecimento prévio dos alunos e das condições de trabalho, dessa forma, os métodos são reformulados, adaptados em uma tentativa de atender ao máximo as necessidades no desenvolvimento da aprendizagem.

A marca dos anos 1970 é a inovação metodológica no ensino de História. Os métodos de ensino inovadores, e as técnicas repercutiram a ponto de desencadearem um processo de rompimento e convivência simultânea, sendo perceptível “a permanência de métodos de ensino tradicionais, lembrando que eles não precisam ser necessariamente abolidos para que sejam introduzidos outros, de natureza diversa (BITTENCOURT, 2008, p.226)”.

Desse modo nota-se a preocupação de Bittencourt (2008) do não rompimento com a verdadeira essência da História. Podemos afirmar que a introdução de novas ideias, recursos tecnológicos, técnicas de ensino associada aos elementos históricos tradicionais se mantém. A finalidade de construção do conhecimento constitui um legado às futuras gerações e aos Historiadores em formação, ou seja, o papel da História em si, e da metodologia de seu ensino é fundamento primeiro, uma vez que a utilização dos recursos tecnológicos não significa tão

somente utilizar técnicas, nem tão pouco é condição suficiente para garantir a aprendizagem dos conteúdos de História.

Nesse sentido, o interessante nesse tipo de técnica de ensino é fundamentar-se no estabelecimento de ambientes de aprendizagem onde os alunos possam ter iniciativas, resolutividade de problemas, pré-disposição para corrigir erros e solucioná-los a partir das dificuldades enfrentadas no processo de ensino.

Além disso, quando o professor proporciona uma aula de História com a utilização das tecnologias, como fonte de informação ou recurso didático para o desenvolvimento de tais atividades, ele possibilita aprendizagem mútua de práticas sociais, educativas e de inovação. Fato este, que proporciona desenvolvimento de habilidades e atitudes na relação com a tecnologia presente no cotidiano.

Nos anos 1980, momento de renovação do ensino de História, uma vez que “problemas” do método tradicional passaram a repercutir e serem enfatizados, a partir daí percebe-se que muitos professores “enfrentavam, nas salas de aula, o desafio de trabalhar com alunos de diferentes condições sociais e culturais (BITTENCOURT, 2008, p.228)”. A substituição de métodos didáticos tradicionais por métodos inovadores com inserção de novas tecnologias, constituiu uma forma de manter o equilíbrio no ensino com índices e singularidades próprias.

A partir desse momento o ensino de História passa por um processo necessário de mudança nos seus procedimentos metodológicos. O uso de inovações metodológicas e técnicas, como computadores entre outros recursos da mídia passaram a ser frequentes no ensino de História. Configuraram suportes tecnológicos capazes de facilitar a construção dos conhecimentos. Essa competência técnica além de favorecer o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes, é eficaz na formação de cidadãos críticos e reflexivos, uma vez que, os meios de comunicação trazem informações variadas como: cultura, religião, política, entre outros, abordados com graus de complexidade variados, que expressam opiniões, valores e conceitos diversos.

Nesse sentido, a criticidade diante da variedade de informações e recursos tecnológicos também constitui uma premissa no processo de ensino e aprendizagem, já que essas tecnologias oferecem uma diferenciação de contextualização dos conteúdos.

Essa configuração e ideia estagnação metodológica propicia às escolas uma reflexão crítica, tendo em vista o não acompanhando das mudanças contextualizadas temporalmente.

Circunstância que compromete a estrutura do currículo, os processos metodológicos, e além disso causando dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Se faz necessário pensar o sistema educacional, no que se trata as estruturas dos ambientes escolares e o uso das novas tecnologias, tendo em vista critérios informacionais na utilização das ferramentas tecnológicas. Além disso, o ensino de História deve reconhecer, a consciência professoral e necessidade de (re) organização, nas informações, para que assim possam ser convertidas em conhecimentos significativos, e portanto, ser um professor influente e valorizado. Assim Jaime Pinsky (2004) informa sobre a formação continuada:

Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre seus alunos. Mais do que o livro, o professor precisa ter conteúdo (PINSKY, 2004: 22)

Vale ressaltar o desafio para os professores ensinar História com a utilização de tais recursos tecnológicos, tendo em vista a finalidade principal conduzir a mobilização dos discentes para:

Terem um vivo interesse pelos acontecimentos do mundo; serem agentes e atores do processo histórico e não pessoas passivas diante do tempo; terem uma atitude crítica e reflexiva dos fatos que são veiculados pelos diversos meios de comunicação; desenvolverem a capacidade de ver, ler e escutar; sistematizarem as informações, relacionando os diversos temas abordados (FERREIRA, 1999, p.150).

É necessário desenvolver habilidades de criticidade para questionar sobre conteúdos mediados pelo professor, objetivando concretizar uma aprendizagem significativa e não uma mera transmissão conteudista. Cabe aos educadores estimularem esses alunos a fazerem leituras críticas do mundo no qual atuam. Entretanto, é válido ressaltar que a sistematização desse trabalho realizado através das tecnologias, exige do professor conhecimento prévio sobre a realidade de seus alunos, e assim, formar indivíduos que contribuam para a construção de conhecimentos históricos contextualizados.

4. O QUE DIZEM OS PCN's DE HISTÓRIA

Pensando os anos iniciais, o primeiro andar da escolarização, os princípios que norteiam a prática docente nessa fase da escolarização podem possibilitar um reconhecimento individual e coletivo. A ênfase da pesquisa buscou dialogar o real e o legal. A regulamentação da LDB e os PCN's que preconiza esse ensino da História dialogando com a realidade onde o aluno se encontra inserido, partindo do local para o global, ou do individual ao coletivo.

Inicialmente, a inclusão da constituição da identidade social nas propostas educacionais para o ensino de História necessita um tratamento capaz de situar a relação entre o particular e o geral, quer se trate do indivíduo, sua ação e seu papel na sua localidade e cultura, quer se trate das relações entre a localidade específica, a sociedade nacional e o mundo (BRASIL, 1997, p. 26).

Segundo Le Goff (1994), ensinar História é associá-la ao conceito de historicidade, que exige a sua inserção em uma perspectiva de tempo e em um contexto social, nesse contexto, os PCN's auxiliam os professores, uma vez que nos tempos atuais:

O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia. Historiador/professor sem utopia é cronista e, sem conteúdo, nem cronista pode ser (PINSKY; PINSKY, 2007, p. 19).

Essas discussões trazidas por Jaime Pinsky e Carla Pinsky tomam um caráter mais contundente quando se analisa a situação da disciplina de História nos dias de hoje diante da nova reforma da Base Nacional Comum Curricular. Ao analisar o PCN de História da Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins da cidade de Olho D'Água do Casado, é perceptível que condiz com a abordagem de Gil e Almeida:

Ensinar História nos anos iniciais é contribuir para que as crianças reflitam sobre o seu tempo e o tempo de sujeitos de outras épocas e lugares; é oportunizar a percepção de que o conhecimento e a vida prática estão relacionados na medida em que as aulas abordam questões sociais do entorno dos alunos. Assim, a aula de História é lugar para construir hipóteses, suposições, e discutir modos como outras sociedades resolveram os desafios do seu tempo. (...) A História também tem compromisso com a formação cidadã, quando aponta caminhos para compreender que a sociedade é formada por grupos diferentes, que devem ser respeitados e compreendidos historicamente (GIL; ALMEIDA, 2012, p. 27).

Dentre essa e outras contribuições para o trabalho docente, o PCN explica melhor sobre a noção de tempo ao ensinar História; a História é imprescindível ao conhecimento iniciando na educação infantil ao decorrer da vida dos sujeitos, visibilizando sempre o conhecimento, prévio dos alunos como ferramenta de ensino, segundo as autoras Gil e Almeida (2012). A noção de tempo, portanto, é uma aprendizagem processual que exige a construção de conceitos de duração, sucessão e simultaneidade temporal.

Bittencourt (2008) afirma que “em propostas curriculares atuais para as séries iniciais do ensino fundamental e em produções didáticas, as histórias dos Estados são mantidas, mas não exatamente uma história da região” (BITTENCOURT, 2008, p. 162). É necessário que o aluno compreenda toda a história da sua região para que haja um aprofundamento de conhecimento sobre a história nacional, e para que possam ser estabelecidas relações entre elas. É importante que ele tenha um conhecimento prévio entre essas relações temporais, passado-presente-futuro.

5. COMPREENDENDO OS RELATOS ORAIS E PERCEPÇÕES DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Discutir sobre ensino de História nos remete aos tempos das relações de conflitos até a normatização desta como uma ciência. Após o status de ciência, debate sobre os pressupostos do que é e como ensinar História? E para que e para quem ensinar? Foram essas as inquietações mais comuns da época e, que consideravelmente, ainda são, o ponto de partida da regulamentação do Ensino de História, desde os PCN's como a nova reforma da BNCC.

O ensino de História estava voltado a “decorar” datas comemorativas e nomes dos grandes homens e seus grandes feitos nas sociedades, ou seja, uma predominância do paradigma da História como Narrativa. As transformações explícitas teórico e metodologicamente no campo de ensino de História, trouxeram mudanças, também, nos métodos de produção do conhecimento histórico e do ensino. Desse modo, a articulação dos métodos é ponto chave que baseia o ensino de qualquer ciência, na História não é diferente. Assim, o conhecimento prévio dos sujeitos envolvidos deve ser levado em conta sempre, ninguém é vazio de conhecimento. Traçada a teia: conhecimento prévio, conhecimento científico e conhecimento escolar, evidencia o fato de reformular o método de avaliação, dando ênfase à questão do "Erro" e de uma visão crítica, tanto do trabalho do docente como do aluno.

Outro fator importante é a representação social que nos permite perceber e trabalhar de melhor forma o conteúdo diante o conhecimento prévio dos alunos, utilizando-os positivamente. É notável que, nos anos iniciais, o ensino de História é algo que fascina os alunos de uma forma mais abrangente, justamente por possibilitar a inter-relação entre as temporalidades.

Como se trata de estudos, em parte, sobre a História local, as informações propiciam pesquisas com depoimentos e relatos de pessoas da escola, da família e de outros grupos de convívio, fotografias e gravuras, observações e análises de comportamentos sociais e de obras humanas: habitações, utensílios caseiros, ferramentas de trabalho, vestimentas, produção de alimentos, brincadeiras, músicas, jogos, entre outros (BRASIL, 1997, p. 40).

Tornando, assim, as aulas mais agradáveis e de maior aproveitamento ao se tratar do ensino do lugar em que moram, despertam maior interesse por serem perceptíveis as transformações ocorridas no ambiente, mesmo sendo uma cidade com apenas 56 anos de existência. Em entrevista ao coordenador pedagógico do município de Olho D' Água do

Casado, em nome da Secretaria de Educação do mesmo, foi exposto esse contexto de inclusão da disciplina:

Em 2017 foi inserida na grade curricular do município a disciplina História Regional com objetivo de estudar todos os conteúdos relacionados à História regional, História do Brasil, História de Alagoas e do município de Olho D'Água do Casado com enfoque na diversidade étnico racial, essa iniciativa partiu da SEMED (Secretaria Municipal de Educação). Essa disciplina contribui na vida dos habitantes como instrumento para reconhecimento da identidade histórica dos cidadãos casadenses; para isso a cada início de ano letivo, na semana pedagógica, é ofertada, uma capacitação, instrumentalização aos professores que lecionam a disciplina. Além do mais existe um material didático para auxiliá-los, uma apostila contendo a História do município em todos os aspectos que foram enviados à cada escola do município, no entanto ainda não é o material completo, o material final ainda está em processo de construção pela secretaria de educação, mas não temos uma data prevista de quando ficará pronto a disposição dos professores (Jardel Brito Ferreira, 18 abr. 2018).

Diante da entrevista, é possível reafirmar que este ensino sobre nossa região e cidade possibilita uma percepção de pertencimento local, conhecer e reconhecer a História envolta. Freitas (2011), “as histórias preenchem duas funções fundamentais nas nossas vidas: identificação e orientação” (FREITAS, 2011, p. 44). Desse modo auxilia na formação do sujeito que reside nos municípios estudados, o ensino de História e na valorização da cidade a qual pertencem, os alunos desde cedo conhecem sua História e passam a valorizá-la, tanto moralmente quanto fisicamente.

No que se refere à preservação de lugares históricos como a estação ferroviária e a fonte da matinha, local do primeiro olho d'água da região, assim como a preservação do Rio São Francisco, pela questão ambiental e fonte de renda familiar, uma vez que uma boa quantidade são famílias de pescadores ou vivem do turismo local. Além do mais, esse ensino combate a velha noção que a maioria das pessoas tem da região Nordeste de seca e pobreza. Constitui assim uma educação patrimonial, uma vez que “os objetos patrimoniais, enquanto recursos educacionais, podem ser usados em qualquer área do currículo, ou para reunir áreas aparentemente distantes no processo ensino-aprendizagem” (HORTA et al, 1999, p. 36). Nesse sentido ressalta -se a importância do trabalho com a educação patrimonial:

O trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA et al, 1999, p. 06).

No entanto, o material didático disponibilizado para o trabalho apresenta falhas, lacunas visíveis na sua estruturação; assim, os professores buscam conteúdos e métodos mais dinâmicos, passeios aos lugares históricos, peças teatrais retratando a História em algum aspecto para complementar suas aulas. Mesmo assim, há um grande impasse para encontrar tais conteúdos, falta de informações. É perceptível a importância dessa disciplina, a socialização com o meio é um caminho a conhecer cada vez mais os alunos, a possibilitar aos mesmos um reconhecimento e sentimento de pertencimento e orgulho do local que habitam. A entrevista realizada com a professora do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Dom Pedro II, no assentamento nova esperança, município de Olho D'Água do Casado, Edileide de Oliveira Souza confirma esta tese:

Eu percebo que os alunos estão cansados das mesmas coisas sempre, gostam mesmo é de colocar a mão na massa, dessa forma peço para produzirem maquetes, entrevistarem moradores mais antigos e até a produção de peças. Assim consigo alcançar uma aprendizagem maior, mas não abro mão das leituras de textos como base para isso. Parto do princípio da base familiar, o que mudou e o que não mudou ao longo desses anos (Edileide de Oliveira Souza, 23 abr. 2018).

Segundo a entrevistada, os métodos mais funcionais são aqueles que começam por abordar e abranger o conhecimento que os alunos já possuem para que se possa fazer uma abordagem do conhecimento como um todo, ressalta ainda que esse método é utilizado em qualquer disciplina. No caso do ensino do tempo cronológico para alunos das séries iniciais, é interessante vinculá-lo à noção de geração (BITTENCOURT, 2011). Ao ensinar a esses alunos o professor trabalhará o ensino de História na noção de tempo, como algo familiar, um passado mais remoto. A autora usa como exemplo: pais e avós. A partir de então, os alunos entenderam as mudanças ocorridas durante esse tempo e de forma sucessiva, cronológica e progressiva; e nas séries subsequentes aprofundarão as noções de tempo em uma forma mais extensa:

Marc Ferro tem assinalado que “a História que se conta às crianças, aos adultos, permite ao mesmo passo conhecer a identidade de uma sociedade e o estatuto desta através dos tempos”. Assim, aprender o estatuto da História no Brasil é acompanhar a constituição do campo e do método da História que privilegia (NADAI, 2001, p. 25).

Nesse sentido, o autor reforça a importância de se contar e que História contar às crianças, uma vez que elas são o futuro e todo futuro se constitui de um passado. A História é parte fundamental na construção da nossa identidade, da identidade da nossa sociedade

através dos tempos. O ensino de História é indispensável a qualquer fase da vida. Em relação ao outro município, Piranhas, através de entrevista realizada na Secretaria Municipal de Educação, à representante Clécia Ferreira Rodrigues, é notório que ambos os municípios partiram de um mesmo propósito.

A disciplina Cultura de Piranhas foi inserida na grade curricular em 2016, em virtude da parte diversificada na grade curricular (anteriormente Cultura Afro-brasileira) foi pensado em uma disciplina que trabalhasse historicamente e geograficamente a nossa História, História da nossa cidade, tendo em vista a falta de conhecimento de nossos habitantes e como nossa cidade é uma cidade histórica tombada pelo IPHAN recebe diversos turistas todos os dias que sabem mais da nossa cultura que nós mesmo. Então por parte da Secretaria Municipal de Educação pensamos nessa disciplina, assim foi desenvolvida uma apostila e dessa feita várias cópias e distribuimos às escolas, no momento não temos nenhum exemplar aqui na SEMED; já em relação a capacitação ou instrumentalização aos professores não houve, admitimos que falhamos nessa parte. Essa disciplina trabalha a História, geografia e cultura da nossa região, com objetivo de que os nativos conheçam a própria História, rica em cultura (Clécia Ferreira Rodrigues, 20 mai. 2019).

Como visto, na própria SEMED, não existe mais nenhum exemplar dessa disciplina e outro fato bastante importante é que, na própria Secretaria ninguém sabe informar ao certo quando foi inserida na rede municipal de ensino. Ressaltam e valorizam a todo instante a importância dessa disciplina na formação dos cidadãos piranhenses, como essa disciplina está sendo trabalhada e se está tendo resultados significativos. Em entrevista realizada com a professora “Dina”, a mesma preferiu não se identificar formalmente, evidencia as mesmas dificuldades em trabalhar essa disciplina em sala de aula, passeios ao centro histórico (torre do relógio, antiga linha férrea, museu, antigo palácio de Dom Pedro II, e presença do Rio São Francisco) é um método bastante eficaz, porém a disponibilidade de transporte para a locomoção é o que priva essas aulas práticas, na maioria das vezes.

Contudo, o maior desafio dos professores ainda é a noção de História que os alunos e, não somente estes, têm dessa ciência uma “visão estereotipada da História – o tempo histórico como algo “distante e estático”. A História é representada como um “conjunto de informações dispensáveis” (FREITAS, 2010, p. 180). Mais uma vez se mostra de fundamental importância quebrar essa barreira, e isso depende das práticas metodológicas dos professores, os métodos conduzem o aprendizado.

A finalidade desta pesquisa foi analisar o desafio do processo de ensino aprendizagem de História nos anos iniciais, as práticas, métodos, técnicas e recursos utilizados no ensino de História nos municípios de Olho D’Água do Casado e Piranhas, ambos no Estado de Alagoas. Principalmente por parte dos professores, em especial nos anos iniciais, para solucionar tais

inquietações iniciando pelas práticas metodológicas; nesse sentido, a fonte oral é o método mais importante da pesquisa. Através dela foi possível, com os dados coletados, perceber os avanços e retrocessos da disciplina de História, ao analisar a História Local.

Em sua obra, Freitas (2010) debate sobre a importância de usar tantos métodos quantos forem necessários para se chegar à verdade histórica, ao conhecimento histórico. Seja o historiador em sua pesquisa ou os docentes em sala de aula; diante do conhecimento prévio, serão usados os métodos que se fizerem necessários:

Posso afirmar que o procedimento do historiador é sempre analítico e sintético. Mas a natureza dos testemunhos empregados, as utopias e visões de mundo e de ciência daquele que quer contar uma História podem levá-lo a empregar (e, até, a criar) uma infinidade de métodos e técnicas de pesquisa (FREITAS, 2010, p.63).

Em uma análise comparativa entre as entrevistas realizadas com Jardel Brito Ferreira e a professora Edileide de Oliveira Souza, é conclusivo que a proposta dessa disciplina contempla a História da nossa região, Alagoas, e do próprio município. No entanto, alguns professores questionam e exigem que esse material contemple a História do Brasil, Alagoas e Olho D'Água do Casado. Segundo Jardel Brito, isso é algo que não está de acordo, já que a História do Brasil já está inserida nos livros didáticos.

Diante desse impasse e por motivos não especificados, o material contendo o conteúdo completo ainda está inconcluso. O coordenador pedagógico mostrou-se satisfeito com os resultados significativos da disciplina por ressaltar a importância cultural na vida dos moradores, principalmente desde pequenos, para terem um reconhecimento e valorização da História do lugar que vivemos. O ensino sobre a cidade e região a alguns dias ou semanas antes da data da emancipação política de cada município não se enquadra no município de Olho D'Água do Casado e não mais em Piranhas, uma vez que a História regional é trabalhada durante todo o ano letivo; são trabalhados conteúdo do surgimento da cidade na região e seus principais pontos históricos.

A análise comparativa entre os dois municípios explicita que, em Olho D'Água do Casado existe uma disciplina História Regional, mas não existe um suporte material de formação ou de instrumentais metodológicos aos professores que lecionam a disciplina. Usando novamente o relato da professora mencionada, retrata que “não houve nenhuma capacitação para exercer tal disciplina”, como afirma Jardel Brito Ferreira. O ensino de História é indispensável e fundamental a qualquer sujeito por possibilitar a percepção, a análise e a reflexão dos acontecimentos, um conhecimento sem limites que estabelece uma

relação paralela entre passado e presente; o passado está vivo e sempre presente, todo mundo e tudo possui um passado e conseqüentemente uma História.

Em síntese, os municípios dispõem de uma disciplina que abordam o ensino da História Local; atendendo à carência e à falta de conhecimento dos habitantes sobre sua própria história, ocasionando maiores saberes por parte dos turistas que os próprios moradores. Já o município, Piranhas, ao ofertar tal disciplina, inserida no currículo escolar a partir de 2017, proporcionando um novo conhecimento, ou melhor, um reconhecimento e resgate da identidade coletiva e individual dos sujeitos envolvidos, um sentimento de pertencimento e preservação do lugar em que vivem.

É válido ressaltar a falta de disponibilidade de material para trabalhar os professores enfrentam algumas dificuldades na hora do planejamento anual e diário de suas aulas e, diante disso, buscam outras fontes de ensino e matérias paradidático para tornarem suas aulas complementares e, além do mais, é possível trabalhar com a História viva, presente nos municípios em análise. Por fim, também é conclusivo o interesse e resultados significativos desse ensino, tanto por parte dos docentes em exercício quanto dos alunos.

Uma forma de detectar a importância do ensino de História, relacionando com o dia a dia dos alunos, é a interação em sala de aula com os conteúdos. Segundo alguns relatos observados na partilha com outros professores é notável o envolvimento e as relações que os alunos fazem da sua História com a História do Brasil, por exemplo. Os professores afirmam que os alunos enxergam a História do Brasil como algo distante deles e, dessa forma, o ensino da História Local vem proporcionando bons resultados no processo de ensino-aprendizagem.

Durante a pesquisa, através das entrevistas, percebeu-se que uma grande parte da população, atualmente, ainda tem certa “adoração” pela Chesf, sem conseguir enxergar o legado negativo e a discriminação que a mesma proporcionou para a cidade, utilizando de seu poderio – ou seja, as práticas oligárquicas de que disponibilizavam – para tal. Outro fato descoberto durante a pesquisa em ambas as Secretarias Municipais de Educação dos municípios é a ausência da legislação da inserção das disciplinas nas grades curriculares, a resposta é a não disponibilidade dessa informação. Dessa mesma forma foi a análise do PPP da Escola Municipal de Educação Básica Amélia Martins, não sendo possível o registro fotográfico do documento, alegando que está em atualização.

Diante do exposto, é explícito que o ensino de História, em particular a local, proporcionou bons resultados ao longo dos anos de 2017 e 2018. Os alunos aprendem sua História e passam a sentir orgulho de quem são e de onde vivem, passando, assim, a preservar

e cuidar cada vez mais da cidade. Antes do ensino de qualquer História, é indispensável o estudo da própria história e a disciplina de História Regional tem como origem o ensino da História Local à História do Brasil como um todo. Relacionar elementos locais com nacionais tornam as aulas ainda mais proveitosas e significativas, relatam os professores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de História ainda é muito desvalorizado na grade curricular escolar, no entanto, é notória sua importância para a formação de identidades dos sujeitos. A História Local ressalta a importância do saber de suas raízes, do pertencimento ao local que se vive, preservação e valorização são elementos indutivos desse ensino. Os municípios analisados são ricos em História, politicamente, socialmente e culturalmente. Segundo a Secretaria Municipal de Educação de Olho D'Água do Casado (SEMED), o material didático completo que contempla todos os conteúdos da proposta da disciplina ainda não está concluído e não há previsão de conclusão. Diante disso, os professores utilizam métodos mais dinâmicos e aproveitam elementos da História viva para trabalhar em sala de aula. Piranhas, felizmente, os conteúdos não continuam mais a serem trabalhados em semanas antes do aniversário da cidade. Um fator indiscutível é a disponibilidade de material e elementos de estudos para abordar essa temática no município de Piranhas, ressaltando que a cidade contém diversos pontos turísticos conservados, além da presença do Rio São Francisco.

Desde 2016, o município de Piranhas/AL conta em sua grade curricular com a disciplina “Cultura de Piranhas”, esta por sua vez, tem como objetivo subsidiar a formação e difusão do conhecimento histórico local. Nesse ínterim, este estudo tem um compromisso social e científico para compreender os resultados efetivos dessa disciplina, inicialmente nos docentes e posteriormente na formação e resultados de ensino-aprendizagem. A análise se ampliou territorialmente quando enfatizamos o outro município, Olho D'Água do Casado, em que o ensino sobre a História Local começou a ser trabalhado em sala de aula em 2017, com a disciplina História Regional, que substituiu a disciplina História da Cultura-Afro. Os impactos dessas transformações constituem o problema desta pesquisa.

O ensino de História proporciona um vasto conhecimento de saberes, situar os sujeitos envolvidos na História, no tempo e no espaço; a História possibilita um olhar através do tempo, a busca de explicativas para o presente e possibilidade de construção de um futuro melhor. O ensino de História é um estudo do passado, a fim de tentar compreender as relações do presente, sendo esse passado vivo, contínuo e sujeito a novas interpretações de acontecimentos há tempos estudados, a História torna-se fascinante justamente pela possibilidade de conhecer, descobrir e vivenciar algo novo através dos estudos.

Compreendendo a educação como o bem mais precioso que uma pessoa. A pode e deve proporcionar à outra, permite um maior conhecimento sobre coisas, sobre a vida, a conclusão deste estudo possibilitou perceber a importância da História na formação humana e identitária do sujeito. Há muito tempo, desde a definição do conceito de Ciências Exatas e Ciências Humanas, que se tem propagado certa “discriminação” entre essas duas áreas, sobrepondo as exatas como a ciência mais confiável por ser uma ciência de respostas “sólidas”.

Infelizmente, a educação brasileira ainda não atende as demandas das necessidades do povo, mostra-se em boa parte do país defasada; péssimas condições estruturais e baixa remuneração salarial e de valor ao trabalho dos professores, estes que mostram um grande empenho em levar conhecimento a seus alunos. Ao desenvolver desta pesquisa foi notável perceber essa situação em ambos os municípios e, ao mesmo tempo, foi admirável ver o desejo dos professores em desenvolver seu trabalho como mediadores do saber; ser professor é ir muito além do que nos é confiado nas faculdades. O professor dos anos iniciais estabelece uma relação única com os alunos; “é tia para lá é tia para cá”, constitui uma relação de afeto e isso resulta em relação de confiança, a qual ocasiona uma melhor condição de trabalho.

A História é a ciência do velho e do novo, proporciona uma ligação extrema entre passado e presente. É a ciência presente em todas as áreas de conhecimento, Português, Matemática, Física, Geografia, etc., uma vez que tudo que existe ou já existiu um dia, possui uma História. O ensino de História, muitas vezes, toma um caráter insípido como a água, mas tão significativa é sua importância, sua necessidade para a vida e para o sujeito se perceber no mundo, compreender as relações tempo-espço.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína Amado; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino de História (anos Iniciais)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Práticas pedagógicas em História: espaço, tempo e corpo**. Erechim: Edelbra, 2012.

HORTA, M. L. P. [et al]. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Museu Imperial, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.

NADAI, Elza. O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do ensino de História e de Geografia**. São Paulo: Cortez, 1994.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.